

## O Príncipe e a Rosa

Enquanto 162 nações celebram o “Ano Internacional da Criança”, prossegue o drama da infância — abandono, abortos, miséria, torturas. As celebrações incluem festas, concursos, congressos, promoções na área do ensino, da saúde, contribuições diversas.

Entretanto, 55 milhões de crianças abaixo de 15 anos, segundo investigações da OIT (Organização Internacional do Trabalho — “Time”, 10-9-1979) são exploradas em vários tipos de trabalho escravo em diversos países — subdesenvolvidos ou industrializados.

Os 55 milhões de menores utilizados em trabalho escravo são apenas uma parcela do número real não registrado. Outra parcela recebe salários irrisórios e sua educação e saúde são prejudicadas. Em alguns lugares, crianças de cinco anos trabalham dezesseis horas por dia, outras em atividades perigosas e insalubres. Muitas ficam mutiladas em acidentes de trabalho, sendo logo substituídas por novos “aprendizes” — pretexto para não receberem salário

algum. A OIT concluiu que, no "Ano Internacional da Criança", a exploração de menores aumentou de 20% e, diante desse quadro, o pouco que se faz para remediar a situação é quase nada.

A delinqüência juvenil é outra calamidade. O crime, a droga, a prostituição de meninas. Em muitas capitais de nosso mundo civilizado milhares de crianças vivem em condições infra-humanas, dando origem às quadrilhas de menores, "trombadinhas", pivetes... Há alguns anos, sobre um "monte de moleques" adormecidos em um porão, um adulto imaginativo, em certo país, adotou a solução mais simples — aspergiu gasolina e tocou fogo.

Viciados em fumo e maconha aos oito anos... retardados mentais... Doentes e miseráveis, esses pequenos anjos decaídos infestam cada dia em maior número as grandes cidades "perturbando a vida das pessoas de bem"(!)... dizem estas.

Cresce também a "pornografia infantil" (crianças usadas como instrumento de promoções pornográficas e comerciais). Sob vários disfarces, nudez infantil e a perversão vêm sendo exploradas.

Certos males datam de milênios e não foram inventados pelo século XX, como a prostituição de meninas de dez anos, embora continuem a existir, mesmo hoje, "escolas-bordéis" para crianças em várias regiões, além de outras ameaças à sua integridade (guerras, torturas).

O filme "Pretty Baby" (Menina Bonita, Louis Malle, 1978), embora passado em 1917, propõe questões que são de hoje. Seríssimas e degradantes para uma civilização cristã. O aliciamento por drogas é outra praga dos nossos dias.

Sobre a situação no Brasil (além de outros aspectos que poderiam ser lembrados), um artigo da revista "Time" (11-9-78) suscitou indignação geral e as autoridades apressaram-se a dizer que eram exagerados os dados apresentados (dezesseis milhões de crianças abandonadas). Exagero? Só nas praias e calçadas da zona sul do Rio, menores em farrapos continuam dormindo sobre jornais. Algumas estatísticas falam em vinte, sessenta mil, seiscentos mil menores abandonados no Rio e em S. Paulo. Ninguém sabe ao certo, variando também os conceitos sobre o vocábulo "abandonado".

— "Odeio essa gente rica e os filhos deles" — disse um delinqüente de 15 anos ao policial que o prendeu em flagrante de assalto.

Causas? São conhecidas. Mas ninguém nunca explicou a esse menino qual a diferença entre ele e os "filhos deles"...

### *Outros dados*

Crianças "mártires", torturadas por pais algozes... Ninguém se espante. Existem. Só na França, em 1978, foram registrados 2.500 casos que os especialistas multiplicam por dez, sem contudo atingirem a cifra exata. No Brasil um eminente Juiz de Menores apontou, na televisão (este ano), as causas dos maus tratos infligidos pelos pais a crianças pequenas (miséria, alcoolismo, problemas mentais etc.).<sup>1</sup>

As instituições oficiais e particulares tentam corrigir a situação, mas, com os poucos meios de que dispõem, é impraticável aplicar soluções eficazes de amplo alcance, como o assunto merece. Tampouco cabe apontar aqui as causas desse complexo problema. São conhecidas. Em resumo, poderíamos dizer tratar-se, sobretudo, da falência da família (fenômeno complexo) e da sociedade — interessada em outras questões. No entanto, se existem outras coisas importantes — as ciências, as artes, o progresso, metas e estruturas sócio-econômicas a promover — nada é tão importante quanto a criança. Por ser indefesa, por representar o mundo de amanhã, porque todos somos responsáveis por ela — qualquer que seja o setor de nossas atividades.

Ressaltamos a incongruência entre uma orgulhosa e fútil sociedade de consumo — corrupta e corruptora sob vários aspectos — e os valores cristãos desprezados.

O abandono e a corrupção da infância não é problema apenas nosso (nacional), longe disso. Alguns, contudo, não lhe dão a devida importância, enquanto qualquer sociólogo humanista poderá apontar as ameaças que fermentam na sombra. Uma das soluções seria a conscientização de TODOS.

### *Os intelectuais*

Sem esquecer a importância da assistência material, parece-nos caber aos intelectuais e a outras camadas da elite pensante, o responsável (governo, Igreja, educadores, poder econômico etc.), o dever de colaborar "de modo mais efetivo e abrangente" nas

---

1. Na França, em defesa dessas crianças, existem instituições como "SOS Enfants", a "Fédération Nationale des Comités de Vigilance et d'Action pour la Protection de l'Enfance Malheureuse" etc.

soluções, quando manobras insidiosas e novos perigos à vista ameaçam a infância.

O esforço dos que escrevem, falam, rezam, governam ou dispõem de alguma parcela de poder decisório é tão necessário quanto o dos que militam diretamente na solução desse gigantesco, crucial problema. Nenhum governo sozinho, ou apenas as obras sociais e uma precária escolaridade primária de três horas diárias conseguirão resolvê-lo. Nem a UNICEF ou qualquer entidade nacional ou internacional o resolveriam. Tentativas, realizações e contribuições existem — muitas — mas o desafio cresce à medida que outros interesses se interpõem aos direitos da criança.

Nossa censura oficial, por exemplo, não sabendo como enfrentar a crescente permissividade na televisão, adotou ultimamente a solução mais fácil com duas palavras “mágicas”: “Terminou o horário...” — Isso às oito horas da noite, para aflição de muitos pais. Pois perguntamos se é fácil mandar para a cama a essa hora crianças espertas de nove e dez anos a fim de evitar que assistam programas impróprios para sua idade.

Nossas obras assistenciais particulares lutam desesperadamente para sobreviver (afogadas em exigências burocráticas para obterem minguadas subvenções) e os especialistas sabem qual o irrisório montante da parcela da renda nacional aplicada à maternidade, à infância, à educação.

Por outro lado, nada pode obscurecer o heróico esforço de antigas e novas instituições (sobretudo católicas, no passado) que realizaram e realizam notável trabalho assistencial pré-infância. Mas não é suficiente, ideal, nem viável, recolher em instituições-modelos dez milhões de carentes...

O problema da criança é, antes de tudo, um problema da *família* e, para melhorar as condições familiares do nosso povo, só um gigantesco esforço conjunto, apoiado em subvenções substanciais (com a ajuda das comunidades) poderia ser eficaz. O mais paliativo.

Entraria aliás aqui a participação dos que dispõem dos meios de comunicação (imprensa, rádio, TV) para melhor sensibilizarem os responsáveis em nível de “grandeza”. Problema de tal magnitude exige “grandes” providências — em grande escala. Graças também aos que orientam a opinião pública ou analisam os fatos à luz do saber — da filosofia, da moral, do direito etc. A “planificação da família”, p.ex., é apenas uma medida entre muitas e presta-se a subterfúgios. As promoções de indivíduos e grupos (comunitários e ordens religiosas) valem pelo idealismo e realismo que os têm animado.

## *Caridade — por que não?*

Tem-se medo hoje dessa palavra. Fere os ouvidos dos tecnocratas. Não soa “eficiente”.

A Madre Teresa de Calcutá<sup>2</sup> foi dito que “devia ensinar o pobre a pescar em vez de dar-lhe um peixe para matar a fome” (provérbio chinês) — ao que essa admirável apóstola da caridade respondeu:

— Ajudo primeiro os pobres para que eles tenham condições físicas de aprender a pescar.

Candidata ao Prêmio Nobel em 1975, recebeu, além de outros, o “Balzan Award” e o Padma Shri (o mais importante da Índia) por sua multiforme e incansável caridade junto aos pobres, aos moribundos, às crianças abandonadas (escolas para órfãos e crianças das ruas etc.). Conseguiu construir 250 casas para os leprosos em Shantuaigor com o Prêmio da Paz “João XXIII”, de 25 mil dólares. A ordem que fundou na Índia das Irmãs Missionárias da Caridade conta cerca de duas mil religiosas (já espalhadas em outros países). Madre Teresa nasceu em 1910 na Iugoslávia e, sobre as mãos pobres, declarou: — “Se Deus pode tomar conta do mundo, por que não de mais uma criança?” ... Àquelas que pensam em recorrer ao aborto:

— Se você tem o direito de existir, porque não a sua criança? Em julho deste ano Madre Teresa esteve na Bahia para fundar uma obra de assistência nos alagados de Salvador.

### *“A criança é o limite”*

São palavras do escritor Albert Camus (Nobel de 1957) e indicam o limite em qualquer ação, mesmo urgente ou extremada. Sempre que houver uma criança em jogo, ela tem precedência. Poderíamos dar como exemplos a limitação da natalidade, o aborto, o divórcio, a educação.

Aquelas palavras podem resumir o problema do menor em nossa sociedade e abrangem os diferentes aspectos aqui abordados — direito à vida, a uma família, à alimentação, educação etc.

No contexto traduzem a prioridade da criança em qualquer situação — mesmo em se tratando de um delinqüente homicida

---

2. Sua obra inspirou, dentre outros, o filme “Sari Branco, Cruz Negra”, premiado no Festival de Monte Carlo de 1963; em 1973 Raymond Vidonne, François Gauducheau e Daniel Olivier realizaram uma reportagem filmada “Madre Teresa de Calcutá”.

de 15 anos. Nesse caso a afirmação é dura e as opiniões divergem. Deixamos a conclusão com os especialistas, lembrando apenas tratar-se de uma "consequência"...

Não só neste "Ano Internacional da Criança", mas em qualquer época ou circunstância a defesa da criança é dever de TODOS. Providências e ação, limitadas e isoladas, houve algumas (S. Vicente de Paula, p.ex.). Atualmente, alguns juristas, políticos, médicos, assistentes sociais e educadores multiplicam esforços, mas nada parece suficiente sem duas medidas de base: a promoção real da família, onde o menor vive (ou vegeta) e a criação duma mentalidade social onde TODOS sejam participantes, a fim de que a infância marginalizada de hoje não se torne a parcela irrecuperável de criminosos e incapazes de amanhã.

Mesmo os não "abandonados" estão sendo atingidos em sua mente e alma (poluição moral e social). Como poderá, aliás, uma família, ela mesma carente sob tantos aspectos, proporcionar ambiente adequado aos filhos, lutar contra influências negativas e massificantes que nos entram lar adentro?

Apesar de tudo, porém, alguns acham que a verdade não é tão feia quanto se pinta. Esquecem facilmente que as lindas crianças dos comerciais na televisão não são o espelho da realidade global. Que apesar de muitas iniciativas em favor da criança o quadro ainda é muito sombrio.

#### *Mobilização geral*

O problema não só exige uma mobilização geral como um estado de alerta contínuo dos que têm olhos para ver, voz para falar. A literatura, a imprensa e o cinema difundem imagens e conceitos positivos e negativos como amostragem duma complexa e alarmante realidade. Filmes exemplares poderiam ser lembrados como:

"O Garoto" (Chaplin, 1921), "Ladrões de Bicicletas" (De Sica, 1948), "Los Olvidados" (Buñuel, 1951) "Argent de Poche" (François Truffaut, 1976), "O Campeão" (King Vidor, 1931 e Franco Zeffirelli, 1979), e tantos outros.

Todos mostram a infelicidade ou a miséria do menor no mundo. Contudo, a miséria não é o fator único de degradação e infelicidade da criança. Uma obra como "Cria Cuervos" (Carlos Saura, 1976), de grande impacto dramático reflete, no patético olhar da pequena Ana, uma terrível condenação. Olhar acusador que interroga o mundo e o espectador em busca de respostas e salvação... Pequeno anjo exterminador ante uma sociedade que — algumas vezes inconscientemente(?) — oprime e corrompe a infância. O filme sugere vários temas para análise.

Notável enfoque de questões que vêm de longe e mostram como, independente da miséria e da condição social, pode-se corromper uma criança. Em jogo estão a hipocrisia, o egoísmo cego de muitos adultos. A criança aqui não foi o limite, foi posta de lado e esquecida, apesar de abrigada e alimentada. O divórcio pode ser visto nesta perspectiva.

Entretanto, a criança é o limite e o próprio Evangelho o enfatiza, quando Jesus chama a si as crianças e condena os que as escandalizam. Não cuidar delas devidamente é um escândalo.

Todos os recursos necessários lhes deveriam ser aplicados, antes de qualquer outra verba e cuidados destinados a outros fins, ainda que justos e urgentes. Sabemos, evidentemente, das necessidades sociais prioritárias e que a infância não poderia subsistir sem o bom funcionamento dessas estruturas. Mas estas se defendem, enquanto que a criança é indefesa.

Um poeta viu assim os direitos da infância:

“O que tanto me comove nesse princípio adormecido é a imagem da rosa que brilha nele como uma chama, mesmo quando dorme.” (St. Exupéry)

Que fizemos nós dessa imagem (de Deus), dessa rosa, dessa chama, desse príncipe...